

POSICIONAMENTOS DIALÓGICOS EM CURRÍCULOS LATTES: ESCOLHAS HEGEMÔNICO-IDEOLÓGICAS DE ESTUDIOSOS DA LINGUAGEM

João Paulo Lima Cunha (UFRN)
jplcunha83@hotmail.com

Paulo Sergio Silva Santos (UFRN)
paulosergio65_8@hotmail.com

Considerações iniciais

Este artigo tem por base a verificação de como as realizações do sistema de engajamento/comprometimento (*engagement*) contribuem para emergir identidades coletivas em currículos lattes (MARTIN; WHITE, 2005). Para tanto, verificou a materialidade linguística do texto introdutório do currículo lattes se efetivando por relações dialógicas. O texto foi dividido de forma que se possa apresentar a associação recorrente entre ACD e LSF; os fundamentos do subsistema de engajamento; as categorias analíticas da monoglossia e heteroglossia; a apresentação do currículo lattes; o conceito de identidades coletivas; e as relações hegemônicas-ideológicas. Logo após tal embasamento teórico, serão apresentadas as análises das identidades construídas discursivamente pelas escolhas (posições) assumidas pelos atores sociais. Ao final, ter-se-á a reflexão crítica sobre os posicionamentos diálogos na constituição dos papéis e identidades sociais.

1 Fundamentos teóricos

1.1 Diálogo entre ACD E LSF

Durante todo seu amadurecimento como abordagem textualmente orientada, a ACD, principalmente sob a perspectiva de Fairclough, tem na LSF um aporte teórico-metodológico capaz de contribuir para entender melhor os processos ideológicos através das realizações textuais. Da LSF, a ACD se apropria de algumas categorias que passam a fazerem parte de suas análises.

A Linguística Sistêmico-Funcional é uma teoria da linguagem que visa aos significados. É importante frisar que o interesse não é somente a estrutura da língua. O foco são as funções exercidas pelas categorias léxico-gramaticais, tendo sempre em vista o contexto em que a situação de comunicação foi exercida. Trata-se de uma busca pelos valores semânticos. Ela é sistêmico-funcional pelas opções de interações proporcionadas na rede de paradigmas disponíveis para o falante em sociedade (GHIO; FERNANDEZ, 2005); “especificamente na linguagem em sociedade e tipos de textos nela produzidos” (BARBARA; MOYANO, 2011, p. 15).

Halliday a partir de uma perspectiva sistêmico-funcional, afirma que, na análise do discurso, há sempre dois níveis de alcance. Um é a contribuição para a compreensão do texto: a análise linguística mostra

como e por quê o texto significa como o faz. Porém, o alcance maior é a contribuição para a avaliação do texto: a análise linguística mostra por que o texto é, ou não é, um texto efetivo para seus propósitos – como é ou não bem-sucedido. Para o autor, a análise linguística é sumamente importante e proceder à análise de discursos sem o apoio da gramática é simplesmente comentar sobre texto (IKEDA; VIAN JR, 2006, p. 37).

Para Halliday e Matthiessen, utiliza-se a linguagem para construir três tipos de significados simultâneos através da léxico-gramática: ideacional, interpessoal e textual (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Devido ao interesse desta pesquisa, focar-se-á apenas no significado interpessoal que trata das relações e atitudes propostas pelos atores do texto. Ou seja, é por meio das interações proporcionadas pelos interlocutores do texto que podemos entender os papéis sociais assumidos, as identidades emersas e as posições assumidas. O significado interpessoal (avaliatividade) permite que os atores participem em eventos comunicativos com outras pessoas, que assumam papéis e que expressem e entendam sentimentos, atitudes e julgamentos (VIAN JR, 2011a).

1.2 Engajamento

O engajamento (*engagement*) é o subsistema das negociações de opinião e sentido¹. Trata-se dos recursos que, no sistema de escolhas, são para uma negociação de sentido, isto é, o texto se abre às discussões, aos contrapontos que o dito propõe. Ou, por outro lado, a escolha pode ser para o caráter de verdade, não questionável.

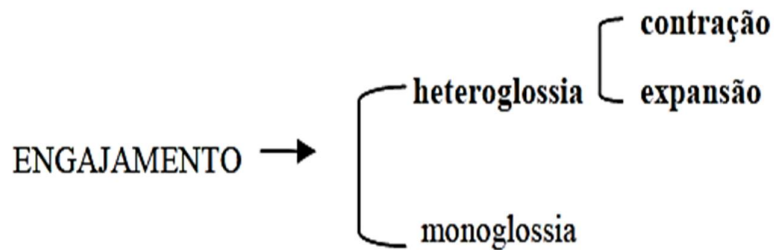
Na interação, há necessariamente uma troca comunicacional entre os interlocutores. O falante/escritor sempre está emitindo algo para alguém e, conseqüentemente, demandando de seu ouvinte/leitor uma troca de papéis. Isto é, há na realização da linguagem uma interação de troca de conhecimento e experiências (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

É a partir do argumento acima que se fundamenta, atualmente, um dos poucos pontos inquestionáveis nos estudos da linguagem: o de que as interações verbais são dialógicas. Isto é, elas pressupõem, inevitavelmente, um interlocutor. Logo, o engajamento é o subsistema do posicionamento dialógico, isto aos moldes bakhtiniano (MARTIN; WHITE, 2005; VIAN JR, 2011b; BALLOCO, 2011; BAKHTIN, 1981; MARCHEZAN, 2012).

O diálogo é constante nas interações, sendo assim Martin e White propõem que sejam encontradas as vozes que direcionam os posicionamentos (MARTIN; WHITE, 2005). Essas são necessárias para entender as definições de engajamento monoglóssico e heteroglóssico.

¹ Para alguns autores, a tradução do termo *engagement* se dá pelo vocábulo “comprometimento”. Embora se reconheça como coerente essa prática, esta pesquisa faz uso do termo engajamento, já que a maioria dos autores referenciados faz uso dessa tradução.

Figura: Engajamento: monoglossia e heteroglossia



Fonte: VIAN JR, 2011b, p. 36

a) Monoglossia

O diálogo é efetivo mesmo quando se fala em monoglossia. Esta se trata da atitude do autor no momento que produz seu texto para não suscitar diálogo, por isso monoglóssico. Dialogicamente, é uma estratégia do falante/escritor, tornando o seu texto em uma “voz única” (SOUZA, 2011, p. 59). Esse princípio se efetiva na tentativa de um texto ser inquestionável, logo não dialogado; impossibilitado de discordâncias; e negociações de sentido (VIAN JR, 2011b). É natural haver um questionamento quanto ao caráter monoglóssico da linguagem, já que sempre partimos do pressuposto de que existe o outro, sempre haveria uma outra voz. No entanto, o que se pretende com as escolhas oracionais monoglóssicas, por parte dos autores, é silenciar a voz alternativa, capaz de discordar ou não de sua proposição. Embora oculta, há uma outra voz presente no texto, consequentemente diálogo.

b) Heteroglossia

Se a monoglossia se constitui na instauração de um texto inquestionável, não dialogado, não discordável, e não negociável, a heteroglossia representa o princípio oposto. O produtor necessariamente faz referência, indica e expõe outras vozes no seu texto. Trata-se da negociação de sentidos. As escolhas heteroglóssicas se dão pela expansão do significado semântico. Dão-se pelo reconhecimento de outras vozes adicionadas ao discurso, ou seja, vozes atribuídas a outrem (SOUZA, 2011).

Ao utilizar os recursos linguísticos heteroglóssicos no subsistema de engajamento, o produtor textual indica a referência a outras vozes ou pontos de vista e são baseados nos conceitos de expansão e de contração dialógica (Martin e White, 2004, p.102), abertas a ambos, autor/falante ou leitor/ouvinte para que possam negociar solidariedade nas interações (VIAN JR, 2011b, p. 36).

Como dito anteriormente, Martin e White propõem que sejam encontradas, no texto, as vozes que o direcionam para melhor fazer uso da exploração desse subsistema. Para tal proposta, eles apresentam os seguintes questionamentos: de onde, quem parte,

para onde, a quem se dirige, quais vozes avaliam e quais são avaliadas? (MARTIN; WHITE, 2005).

1.3 Materialidade de Estudo

Como materialidade de estudo, esta pesquisa analisa o currículo lattes (CL). O CL é um *curriculum vitae* utilizado como uma ferramenta de dados. Surgido em 1993, o CL se tornou uma plataforma eletrônica *on-line* em 1999, tornando-se parte indispensável do mundo acadêmico (AQUINO, 2012). O nome "currículo lattes" é em homenagem ao estudioso Césare Mansueto Giulio Lattes (PLATAFORMA LATTES, 2013). Atualmente, a plataforma lattes envolve, aproximadamente, dois milhões e quatrocentos mil currículos cadastrados, entre doutores, mestres, especialistas, graduados e outros (GAZETA DO POVO, 2013).

Todo CL possui um campo inicial que o ator social inclui seus dados principais. O texto inicial do lattes é um pequeno resumo autobiográfico. Por meio dele é que se pode entender as relações do campo acadêmico e as constituições de identidades coletivas.

O CL faz parte do grupo de gêneros discursivos definidos como acadêmicos - conforme teoria de gêneros acadêmicos, elaborada por Swales (1990) - por possuir as características fundamentais de um gênero: ideia de classe, propósito comunicativo, lógica (razão) subjacente, prototipicidade e terminologia (HEMAS; BIASI-RODRIGUES, 2005).

1.4 As identidades Coletivas

As identidades têm sido foco de discussão nos últimos anos, “uma verdadeira explosão discursiva” (HALL, 2012). Atualmente, a “identidade” é um dos “papos do momento”, dada a sua importância para entender as facetas humanas: constituição, relações e definições (BAUMAN, 2005, p. 22-23).

As identidades são construídas e reconstruídas no decorrer de toda vida, trata-se de um processo contínuo (MERLUCCI, 1995). O ator social jamais a constrói sozinho, pois leva sempre em conta os juízos de outrem e, também, de suas próprias orientações e autodefinições (DUBAR, 2005, p. XXV). Essas orientações são de ordens emotivas, cognitivas e sociais de diversas motivações (MERLUCCI, 1995, p. 45). Esta pesquisa entende as identidades como um conceito simbólico – uma espécie de mecanismo, lentes que se ajustam a determinadas realidades (MERLUCCI, 1995).

[...] Identidade coletiva como um processo envolve definições cognitivas a respeito das finalidades, meios e campos de ação. Esses elementos diferentes ou eixos de ação coletiva são definidos dentro de uma linguagem que é partilhada por uma parcela ou por toda a sociedade ou que é específica do grupo; elas são incorporadas em um dado número de rituais, práticas e artefatos culturais; elas são estruturadas de formas diferentes, mas sempre permitem algum tipo de cálculo entre os fins e meios, investimentos e recompensas (MERLUCCI, 1995, p. 44).

Baseada no processo ativo dos atores, a identidade é sempre considerada e entendida como um “processo constituinte” e não como “um estado final” (TEJERINA, 2010, p. 130). Dito isto, a identidade coletiva não é algo essencialista. Não tenta ou busca descrever algo como realmente é (TEJERINA, 2010, p.109).

1.5 Relações hegemônico-ideológicas

Um campo social (*lòcus*) é definido, quando há uma ordem de reprodução própria que se determina e se alimenta; e quando há um espaço no qual se desenvolvem relações diversas de poder e hegemonia. Os campos se estruturam enquanto estratégias de reconhecimento e legitimação em si (BOURDIEU, 1983, 1989, 2005).

Muitas vezes, deixa-se passar como despercebido que o mundo acadêmico deve ser - tem e é - considerado um "campo", um espaço, de diversas "lutas" (BOURDIEU, 1983). Lutas que estão no plano hegemônico. "O resultado dessas lutas e discussões vai aparecer em publicações, projetos de pesquisas e outras formas de produzir e distribuir discursos que vão contribuir, assim, para a consolidação do campo" (SANTOS; AZEVEDO, 2012, p.76).

Tem-se como definição de hegemonia a influência, supremacia, que um grupo social possui sobre o outro (GRAMSCI, 2002). Para Gramsci, a hegemonia se dá de duas maneiras: por domínio de um grupo sobre outro e por meio de uma direção intelectual. O domínio se processa por meio da força coercitiva, força armada. Já no segundo caso se dá por meio da influência intelectual e pelo consenso de ideias.

No caso deste estudo, a hegemonia está fundada no princípio da “direção intelectual e moral”. A hegemonia se manifesta através de alianças e vínculos que se fundamentam tanto na concordância de pensamento quanto nas anuências. Isto é, a hegemonia não se realiza somente por subordinação, mas, sim, por interesses grupais (ALVES, 2010). Dessa forma, vê-se nesse conceito um processo, caracterizado pelas relações sociais, revestido de valores simbólicos. O aspecto essencial da hegemonia é manter um grupo ideológico como dirigente intelectual. Contudo, é a partir da hegemonia, especialmente, a partir das lutas hegemônicas entre os pontos contrastantes, que se é obtida a consciência crítica (GRAMSCI, 2002; ALVES, 2010).

2 Posicionamentos dialógicos em currículos lattes

2.1 Posicionamentos monoglóssicos em identidades docentes

O posicionamento dialógico no lattes é fundamentado na troca de informações. Mais especificamente, na declaração dada, isto é em uma proposição. “Uma proposição é algo sobre o que se pode argumentar, seja negando-a, afirmando-a, colocando-a em dúvida, etc” (FUZER, CABRAL, 2010, p. 105). Nos CLs, a utilização de frases propositivas, com escolha lexical baseada nos títulos conquistados e nos cargos ocupados, impossibilita a negociação de sentido entre os interlocutores, tornando os textos monoglóssicos.

Fragmento: 01

CL/01: Graduada em letras, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/1981, especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa (1992 - PUC/MG, mestra (2001) e Doutora (2007) em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia (UFBA) [...].

A escala de títulos faz parte do *lôcus* acadêmico, como um sistema de conquistas valorizados (BOURDIEU, 1983). Como visto, nos fragmentos acima, com intuito de marcar as conquistas, em seus destaques, alguns atores sociais se pautam na escolha de nominalizações para evidenciar o perfil de carreira científica. Essa construção linguística evoca características capazes de identificar o ator em meio à coletividade dos que possuem o título de graduado, especialista, mestre ou doutor. Os atores lhes atribuem valorização, marcando as posições conquistadas, uma lógica de uns sobre os outros (BAJOIT, 2006).

Já no excertos abaixo, os atores desejam ser reconhecimentos pelos seus atributos. Percebe-se que os atores de cada currículo que ser identificado como professor. Ser professor é a sua identificação (JACQUES, 2012).

Fragmento: 02

CL/02: [...] Atualmente é professor titular da Universidade Federal de Sergipe [...].

Fragmento: 03

CL/19: [...] professora na rede privada de ensino na disciplina de Linguagem e Expressão [...].

Nos três fragmentos, o ator é o produtor de seu texto, mas fala de/por si mesmo em terceira pessoa. Essa escolha é para configurar um caráter de verdade ao texto, não questionável: uma busca por uma linguagem referencial, impessoal e objetiva - com neutralidade, imparcialidade e veracidade das informações. Sendo assim, a escolha dessa construção se baseia na necessidade de se marcar algo “inquestionável”. Logo, não se pode questionar os resultados obtidos, as conquistas e as ações realizadas pelos atores. Tal posicionamento é o ator social, de acordo com o contexto de cultura, enunciando com quais significados e vozes ele quer estabelecer sentido, isto é, dentro de seu campo de relações, o ator sabe com quem, quando e como pode estabelecer diálogo (MARTIN; WHITE, 2005; VIAN JR, 2011b; BALLOCO, 2011).

Os valores sociais que estão envolvidos nessas estruturas oracionais são o prestígio social e o reconhecimento simbólicos, ocasionados na aprovação e no reconhecimento que tal participação, no regime de títulos, proporciona-lhe (BAJOIT, 2006, p. 144-146). Além disso há reconhecimento entre si desses valores - *habitus* acadêmico (BOURDIEU, 1983)

2.2 Posicionamentos heteroglóssicos em identidades docentes

Toda relação verbal pressupõe um posicionamento (BAKHTIN, 1981). É por simpatizar, concordar, discordar e se associar a algum diálogo que podemos constatar o

posicionamento discursivo. Isto é, “[...] os produtores textuais assumem posicionamentos em relação a seus interlocutores e em relação aos textos que produzem” (VIAN JR, 2011b, p. 33). Sendo assim, o posicionamento dialógico pode ser mais comprometido ou menos comprometido com o texto que ele dialoga. Conforme na figura *Engajamento: monoglossia e heteroglossia*, existe a possibilidade de expandir ou contrair o diálogo, sendo a expansão uma abertura de posicionamento alternativos e a contração uma restrição das vozes alternativas.

Nos currículos analisados, foi possível encontrar, além do caráter monoglóstico dos textos, textos com valores heteroglósticos. Esses significados encontrados se materializam por meio da contração dialógica, ou seja uma restrição de outras vozes, entretanto sem a exclusão delas. Explicando de forma mais detalhada, trata-se do mecanismo de endosso. O endosso é uma proposição aprovada pelo produtor do texto, julgando-a como aceitável e válida.

Fragmento: 04

CL/01: [...] -Durante o doutorado [...]. A tese, intitulada "As Marcas da Polifonia na Produção Escrita de Estudantes Universitários", <u>foi avaliada com distinção e considerada inédita [...]</u>
--

Baseado na valorização da conquista, o ator utiliza uma construção passiva do processo oracional. Em que a construção ativa seria: "A banca avaliou a tese com distinção e considerou-a inédita". O destaque valorativo está na circunstância de modo "com distinção", no primeiro momento. Tal definição possui valorização positiva e louvável no ambiente acadêmico. Ainda continua o mérito avaliativo na oração, em que a tese foi apreciada com o atributo "inédita", no segundo instante.

A construção oracional atribui a fontes externas do seu texto o valor da aprovação. O julgamento social sobre a prática do curso é uma forma de expressar caráter válido e fundamento à proposição. “Ao utilizar recursos de contração dialógica, o produtor textual assume uma posição em desacordo ou em rejeição a uma posição contrária” (VIAN JR, 2011b, p. 37). Ou seja, não dá possibilidade de discordância, em meio a uma produção que já se pautava pela monoglossia, no início do texto. “No endosso, ele indica sua concordância, direta ou indiretamente, e a proposição citada ou referida é mostrada como confiável ou convincente” (SOUZA, 2011, p. 62).

De forma semelhante, o excerto abaixo reforça o endosso como posicionamento dialógico.

Fragmento: 05

CL/10: [...] Mestre em Educação com Novas Tecnologias pela Universidade Federal de Sergipe - <u>Conceito A / Nota 10,0.</u>

Mesmo não sendo mais uma prática corrente em algumas universidades, verifica-se que o enunciador faz questão de marcar seu sucesso por meio da atribuição do conceito que recebeu: "Conceito A/ Nota 10,0".

O posicionamento heteroglóssico representa diferentes graus de responsabilidades pelo que é dito – de um nível máximo de responsabilidade assumida pelo falante (Negação, Contra-Expectativa, Expectativa Confirmada e Pronunciamento), passando por um nível intermediário em que a responsabilidade é compartilhada com outras vozes (Endosso) ou parcialmente assumida (Probabilidade, Evidências, Diz-que), até um nível mínimo de comprometimento em que a responsabilidade é atribuída a outrem ou mesmo recusada (Distanciamento) [...] (SOUZA, 2011, p. 60).

Nos exemplos, destaca-se um comprometimento intermediário, mantendo um certo distanciamento iniciado pela escolha linguística lexical, pela impessoalidade textual e pelo voz passiva. Como se pode verificar, há um compartilhamento de uma voz: uma voz que se soma à outra.

Esses exemplos de currículos se caracterizam por buscar se constituir por informações incontestáveis para os interlocutores. Seja pela monoglossia ou pela heteroglossia, endossada pelo julgamento de outrem. Além disso, a elaboração do CL leva em conta a premissa de incitar a valorização de si e de seu grupo, destacando as informações positivas. Com isso, identidades coletivas como as de professor e pesquisador se materializam e reforçam práticas naturalizadas por meio dos currículos lattes. Por fim, essas identidades representam os vínculos hegemônicos de cada grupo.

Considerações Finais

As discussões deste trabalho possibilitou o aprofundamento sobre questões importantes do posicionamento dialógico na constituição de identidades coletivas. O trabalho também contribui com os estudos que associam pressupostos teóricos da ACD e da LSF, principalmente para estudos sobre a temática das identidades. Seja pela monoglossia ou pela heteroglossia, o gênero currículo lattes reforçam posições hegemônico-ideológicas componentes do campo acadêmico. Espera-se que este estudo suscite novos diálogos, ao fechar este ciclo de discussão.

Referências

AQUINO, Italo de Souza. **Como Preparar Seu Currículo Vitae:** através da plataforma Lattes. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011.

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **O conceito de hegemonia:** de Gramsci a Laclau e Mouffe. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n80/04.pdf>.

BAJOIT, Guy. **Tudo Muda:** proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas. Tradução de Virgínia Alves Rodrigues. Lisboa, Portugal: Ed. Unijai, 2006.

BALLOCO, Anna Elizabeth. O Sistema do engajamento aplicado a espaços opinativos na mídia escrita. In: VIAN JR, Orlando. SOUZA, Anderson Alves de. ALMEIDA, Fabíola A. S. D. P. (orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

BAKHTIN, M. Problemas da Poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981.

BARBARA, Leila; MOYANO, Estela. (orgs.). **Textos e Linguagem Acadêmica: explorações sistêmica funcionais em espanhol e português**. Campinas: Mercado das Letras, 2011. **discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2005. **discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

COUTINHO, Carlos Nelson (org.). **O leitor de Gramsci**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CNPQ. **Currículo Lattes 2.0**. 2013a. Disponível em: <http://www.cnpq.br/documents/313759/4d62720f-12ef-4ef2-b94c-e996b472834b>
Data de acesso: 10/02/2013. **discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

DESCHAMPS Jean-Claude; MOLINER, Pascal. **A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

EGGINS, Suzanne. **Introducción a la lingüística sistêmica**. Logroño: Universidad de La Rioja, 2002.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. Santa Maria-RS: [s.n], 2010.

GAZETA DO POVO. **Plataforma Lattes**: a vitrine do mundo acadêmico. Disponível em: www.gazetadopovo.com.br/vidauniversidade/carreira/conteudo.phtml?id=1356139&tit=Plataforma-Lattes-a-vitrine-do-mundo-academico. Data de acesso. 02/02/2013.

GHIO, Elsa; FERNÁNDEZ, María Delia. **Manual de linguística sistêmico funcional**: el enfoque de M. A. K. Halliday & R. Hasan – aplicaciones a la lengua española. Santa Fé Universidad Nacional del Litoral, 2005.

GOMES, Alfredo M.; OLIVEIRA, João Ferreira de. Educação Superior Como Sujeito-Objeto de Estudo. In: GOMES, Alfredo Macedo; OLIVEIRA, João Ferreira de. (orgs.). **Reconfiguração do campo da educação superior**. Campinas: Mercado da Letras, 2012.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HALL, Stuart. Quem Precisa de Identidade?. SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 103 - 133.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar** (3ª ed.). London: Edward Arnold, (2004).

HEMAIS, Bárbara; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais IN: MEURER, José Luiz.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005, p. 108-129.

IKEDA, Sumiko Nishitani; VIAN JR, Orlando. Análise do Discurso pela Perspectiva Sistêmico-Funcional. In: LEFFA, Vilson.J. (org.). **Pesquisa em Linguística Aplicada**: temas e métodos. Pelotas: Educat, 2006.

JACQUES. M. da G. Identidade. In: JACQUES. M. da G. et al. **Psicologia social contemporânea**: livro-texto. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 158-166.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p.115-131.

MARTIN, James R.; WHITE, Peter R. R. **The language of evaluation: appraisal in English**. London: Palgrave MacMillan, 2005.

MERLUCCI, Alberto. The Process of Collective Identity. In: JOHNSTON, Hank; KLANDERMANS, Bert (Eds.). **Social movements and culture**. Londres: UCL Press, 1995. p. 41-63.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SANTOS, Ana Lúcia Felix da; AZEVEDO, Janete Maria Lins de. Regulação e Legitimação da pesquisa sobre a política educacional como campo acadêmico: um estudo a partir dos programas de pós-graduação do nordeste brasileiro. In: GOMES, Alfredo Macedo; OLIVEIRA, João Ferreira de. (orgs.). **Reconfiguração do campo da educação superior**. Campinas: Mercado da Letras, 2012.

SOUZA, Anderson Alves de. Gradação: força e foco. In: VIAN JR, Orlando. SOUZA, Anderson Alves de. ALMEIDA, Fabíola A. S. D. P. (orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

SWALES, John. **Genre analysis: english in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TEJERINA, Benjamin. **La sociedad imaginada: movimientos sociales y cambio cultural en España**. Madrid: Editorial Trotta, 2010.

VIAN JR, Orlando. O Sistema de Avaliatividade e a Linguagem da Avaliação. In: VIAN JR, Orlando. SOUZA, Anderson Alves de. ALMEIDA, Fabíola A. S. D. P. (orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011a.

_____. Engajamento: monoglossia e heteroglossia. In: VIAN JR, Orlando. SOUZA, Anderson Alves de. ALMEIDA, Fabíola A. S. D. P. (orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011b.